



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16971 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

AVALIAÇÃO PUNITIVA: REFLEXÕES COTIDIANAS

Carlos Augusto Aguilar Junior - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Elcio Arian do Carmo Cunha - UFF - Universidade Federal Fluminense

AVALIAÇÃO PUNITIVA: REFLEXÕES COTIDIANAS

Este trabalho tem por objetivo compreender como a avaliação pode ser encarada como um processo punitivo, em diferentes espaços. Ela está intimamente ligada a diversos contextos e *espaçostempos* que contribuem para a produção do fracasso escolar. Realizamos esta pesquisa a partir dos olhares e vivências com cotidianos escolares distintos de dois pesquisadores que passaram pela experiência da Coordenação Pedagógica: o primeiro, em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro; e o segundo, em um colégio universitário federal. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, ancorada nos estudos com o cotidiano escolar (Esteban, 2010; Garcia, 2003), tomando como base as experiências vividas pelos pesquisadores no lugar de coordenação pedagógica. Esta pesquisa explora as complexidades do cotidiano escolar que "assusta, dá medo, intriga, fascina", conforme aponta Garcia (2003). A partir das experiências de dois docentes - autores deste trabalho - envolvidos na Coordenação Pedagógica de escolas de Ensino Fundamental II, de territórios distintos, buscamos refletir sobre as práticas avaliativas.

Entendemos o processo avaliativo como algo que vai além da simples relação entre erro/acerto, como propõe Esteban (2010). O erro é considerado não como um indicativo de não-saber, mas como um dado valioso para a investigação e reflexão sobre a própria prática pedagógica. Por (muitas) vezes, o erro é entendido como "elemento probatório" ou

“materialidade” para a decretação do fracasso do(a) estudante: a partir do erro verificado e da consequente avaliação do rendimento abaixo do esperado é que se sentencia, para além da retenção do estudante - e as possíveis consequências diretas da retenção, como é o caso da evasão escolar e da distorção idade-série - o que o estudante sabe ou não.

Urge repensar práticas pedagógicas e avaliativas que frequentemente ignoram as realidades e necessidades dos alunos, especialmente em contextos vulneráveis. Queremos explorar e problematizar o uso da avaliação como ferramenta punitiva no sistema educacional.

Entendemos por avaliação punitiva todo processo avaliativo que apenas se dedica a destacar os erros verificados nos instrumentos avaliativos, sem considerar os avanços e as potencialidades dos estudantes, e mesmo o que os estudantes apresentam em termos de aprendizagem quando erram, resumindo todo o processo pedagógico a erro/acerto. Em muitos estudos (Rodrigues; Schwantz, 2016; Lopes; Souza; Bernardo Guimarães, 2016; Mota; Costa, 2017; Vilela; Mello; Dias, 2020) verificamos que a avaliação, quando sob a perspectiva somativa, é encarada como uma avaliação punitiva, uma vez que não se compreende o erro como uma primeira aproximação do estudante com o objeto do conhecimento, mas sim como um mal que precisa ser evitado e punido (Torres, 2016).

Eu, autor 1, assumi em 2021 a coordenação pedagógica dos segmentos escolares nos quais atuo (anos finais do ensino fundamental e ensino médio) e sou docente da instituição desde 2014. Em 2014, havia uma norma de avaliação que regulava o processo avaliativo, que era a aplicação de instrumentos diversos, dentre os quais uma prova. O caráter era (e ainda não deixou de ser...) eminentemente somativo e que punia severamente o estudante pelo seu erro: uma única disciplina dentre 10, nos anos finais do ensino fundamental, ou dentre 14 no ensino médio, que não alcançasse a média (fixada em 6,0), impunha a retenção ao estudante e este, no ano civil seguinte, deveria repetir todas as demais disciplinas do currículo.

Em minha tentativa de propor mudanças, ainda que tímidas, apresentei, embora persistindo numa perspectiva somativa, a criação da “média global”, que de algum modo pretendeu evitar os acontecimentos que vivenciei quando de minha chegada ao colégio. A média global tornou-se uma possibilidade pedagógica e uma tática de se valorizar o desempenho geral médio do estudante, olhando para o todo (em detrimento das particularidades). Entretanto, esse remédio trouxe algumas questões de difícil negociação e assimilação por parte do corpo docente, que no último conselho do ano de 2021 verificou estudantes aprovados pela média global, mas com média anual em algumas disciplinas zeradas! Atualmente, chegamos a um meio-termo da proposta, mesmo ainda permanecendo a média global: continua a prevalecer uma forma intrínseca de funcionamento da escola

brasileira, que insiste e persiste na perpetuação da lógica fabril de produção de fracassos por meio da retenção escolar e da não compreensão do erro cometido pelo aluno dos saberes que há nesses erros cometidos.

Eu, autor 2, fui coordenador pedagógico por 5 anos em uma escola municipal no Rio de Janeiro, situada na periferia, no bairro de Campo Grande. Minha experiência foi marcada pelos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19. O isolamento social ampliou esta modalidade, especialmente nas escolas das classes populares, onde enfrentei o desafio de manter o ensino e a esperança em meio a uma crise de saúde global.

A maioria dos alunos tinha acesso limitado à tecnologia e apenas 15% conseguiam participar das aulas remotas devido à falta de dispositivos adequados. Adicionalmente, as famílias enfrentavam carências sociais, agravadas pela pandemia, como perda de emprego e insegurança alimentar. A prefeitura organizou o uso do *Teams* no ensino remoto, mas a adaptação foi desafiadora. A equipe docente era diversa, com alguns professores familiarizados com tecnologias e outros sem acesso básico a dispositivos.

Durante a capacitação, uma professora se mostrou frustrada pela baixa participação dos estudantes, propondo dar nota zero a todos. No entanto, esses ainda não estavam na plataforma, como havia sido informado. Questionei o uso da avaliação como ferramenta punitiva, destacando a importância de considerar as dificuldades enfrentadas pelos alunos e evitar abordagens que levassem à reprovação sistemática. A experiência sublinhou a necessidade de reavaliar processos pedagógicos e integrar novas tecnologias de forma afetiva e humana.

Como conclusão, este artigo destaca a avaliação como um processo muitas vezes punitivo, contribuindo para o fracasso escolar. É crucial repensar práticas avaliativas que considerem as realidades dos alunos, evitando a reprovação sistemática, e promovendo uma pedagogia que incorpore o erro como parte do aprendizado.

Palavras chaves: Fracasso Escolar, Avaliação Punitiva, Cotidiano.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa. Nas dobras cotidianas, pistas da complexidade escolar. *In*: GARCIA, Regina L. *Diálogos cotidianos*. Dp&a: Rio de Janeiro, 2010.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de se pesquisar com o cotidiano. *In*: Regina Leite Garcia. (Org.). *Método Métodos Contramétodos*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RODRIGUES, Carla Gonçalves; SCHWANTZ, Josimara Wikboldt. Buracos Negros na Formação Inicial de Professores de Matemática. *Bolema*: Boletim de Educação Matemática,

v. 30, n. 56, p. 939–953, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/8QcNfGRks698sXcNgF34Syr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28.jul.2024

VILELA, N. S.; MELO, G. F. .; DIAS, M. J. de S. . Avaliação da aprendizagem: perspectiva de professores e alunos da Universidade Federal de Uberlândia. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, p. 1–18, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.19866. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/19866>. Acesso em: 28 jul. 2024.

LOPES, B. J. S.; SOUZA, N. A. DE; BERNARDO GUIMARÃES, A. L. Avaliação da aprendizagem: uma experiência formativa com mapas conceituais. *Imagens da Educação*, v. 6, n. 2, p. 8-18, 2 ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/29753>. Acesso em 28 jul.2024.

MOTA, Thiago; COSTA, Sylvio Gadelha. A avaliação educacional como tecnologia de controle no capitalismo neoliberal. *Perspectiva*, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 814–839, 2017. DOI: 10.5007/2175-795X.2016v34n3p814. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2016v34n3p814> . Acesso em: 28 jul. 2024.

TORRES, Paulo Cesar Munhoz. O erro na avaliação: punição ou construção? *Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba*, v. 7, n. 2, p. 201-208, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/11988/pdf>. Acesso em 10 ago. 2024.